



## Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

### **|as diferentes linguagens no signo escrito alfabético|<sup>1</sup>**

Andrea Olympio de Mello Machado Lopes<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Aluna de Mestrado  
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo: Bolsista

#### **Resumo**

A proposta deste trabalho é explorar as diferentes linguagens envolvidas no processo de semiose e de mediação do signo escrito alfabético: a linguagem sonora e a gráfico-visual. O signo será estudado a partir de seus aspectos sensoriais e serão analisados seus aspectos não-discretos e suas várias possibilidades de escrita e leitura. São hipóteses a serem testadas: o signo alfabético possibilita outras formas de leitura que não a alfabética; a linguagem dele é originada a partir da união da linguagem dos sistemas sonoro e gráfico-espacial; é possível efetuar uma leitura das palavras enquanto signo não-discreto, indecomponível em sílabas, letras e fonemas. O *corpus* deste trabalho é composto por uma campanha publicitária, uma logomarca e um fragmento de texto retirado da Internet.

#### **Palavras-chave**

Semiótica; Escrita; Semiose; Mediação.

#### **Corpo do trabalho**

##### **1. Introdução**

No sistema tradicional de alfabetização, nós aprendemos a ler as palavras juntando uma letrinha com a outra para formar uma sílaba, e depois juntando as sílabas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP Semiótica da Comunicação, do XXIX Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

<sup>2</sup> Redatora publicitária com quatro anos de experiência trabalhando em agências de propaganda, mestranda do curso de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, formada em Publicidade e Propaganda pelo CEUT (Teresina-PI). Participou da organização do I Encontro Internacional para o Estudo da Semiosfera.



para formar as palavras e delas aprender o significado. Depois aprendemos a combinar essas palavras entre si, articulando significados, sintaxe e classes de palavras para construir frases. E depois entrelaçamos as frases umas nas outras, formando uma cadeia de sentido e o parágrafo. E por fim os parágrafos se articulam numa sucessão de tempos e significados, dando origem ao texto. Aparentemente o texto é a letra elevada a sua máxima potência, a reta final e sua razão de existir. Mas isso é aparentemente, pois existem textos e textos, o que torna uma generalização a seu respeito algo muito delicado de ser estabelecido. Segundo Nöth (*apud* Uexküll, 2004, p 24) “O signo é um elemento percebido do qual um elemento despercebido pode ser deduzido”. Dessa forma, podemos compreender o signo escrito alfabético como composto por letras, elementos iniciais, que se organizam e combinam de forma a possibilitar a percepção de um outro elemento: as palavras e seus significados. Assim as palavras passam a ser isso, uma combinação de letras, elevando o signo alfabético à máxima potência de um signo discreto, formado por estas unidades mínimas. Porque é isso o que o signo alfabético é, discreto por natureza, composto e decomposto em unidades ordenadas uma a uma e combinadas de maneira a estabelecer uma comunicação com o leitor a fim de que possa transmitir-lhe uma informação. Assim, aprendemos a ler as palavras principalmente a partir de sua formação enquanto signo discreto composto por letras, unidades mínimas combinadas entre si e sucedidas uma à outra no tempo. E passamos a acreditar que só as vemos quando abrimos um jornal ou um livro.

Mas as palavras não são apenas essa sopa de letrinhas. E a forma que aprendemos na alfabetização para lê-las não é a única de que dispomos, porque até os analfabetos são capazes de realizar uma leitura das palavras.

O signo escrito alfabético pode apresentar-se, também, enquanto signo não-discreto. Onde diferentes linguagens encontram-se imbricadas, dando origem a uma



nova linguagem, o que faz com que essa nova linguagem se perca ao tentarmos decompor o texto em unidades mínimas. Pois não existem unidades mínimas. Os signos não-discretos são indivisíveis, uma vez que constroem uma linguagem contínua. Porque é isso que signos não-discretos fazem, eles originam textos que são signos, textos indecomponíveis em unidades menores, como é o caso de um quadro ou de um prédio (por mais que o Museu do Louvre seja formado por vários cômodos, a simples combinação de cômodos não é o suficiente para dar origem a tal edifício). Então, os textos alfabéticos não-discretos são compostos também de outras linguagens que não a alfabética. Porque toda palavra é, além de um conjunto de letras, imagem e som.

Segundo Lótman, na linguagem não discreta “El texto es más manifiesto que el signo, y representa con respecto a él una realidad primaria” e “El signo tiene carácter representativo”, já na linguagem discreta “El signo está manifiestamente expreso y representa una realidad primaria. El texto está dado como una formación secundaria con respecto a los signos” e “El signo tiene carácter convencional” (1996, p.55).

Portanto, a proposta deste trabalho é explorar as diferentes linguagens envolvidas no processo de semiose e de mediação do signo escrito alfabético: a linguagem sonora e a gráfico-visual. A união dessas duas linguagens dá origem ao chamado signo verbal, e a compreensão do processo de mediação dessas linguagens no signo escrito alfabético é necessária para o entendimento das várias possibilidades de escrita e de leitura que ele oferece. Para fornecer apenas uma idéia introdutória acerca desta variada possibilidade de escritas e leituras que o signo escrito alfabético oferece pensemos que quando estamos aprendendo uma nova língua, como no caso do inglês, aprendemos a ler a palavra ortograficamente, por meio das letras que a formam, e também foneticamente, por meio dos sons que a compõe. Tanto a primeira leitura, gráfico-espacial, quanto a segunda, sonora, são possíveis e importantes para a compreensão e para que se possa



fazer uso do código em questão. No exemplo fornecido ambas as leituras são realizadas visualizando o signo alfabético enquanto signo discreto, decomposto nas unidades mínimas das letras e dos fonemas. Mas este é apenas um exemplo para fornecer uma idéia das diferentes possibilidades de leitura que este signo oferece, pois o objetivo deste trabalho é exatamente esse, pesquisar o processo de mediação dessas duas linguagens imbricadas no signo alfabético e compreender, através desse processo, as diferentes possibilidades de leitura deste signo. Pois para que o signo em questão construa um texto não-discreto é preciso que seu funcionamento seja o de um signo não-discreto e, para tanto, faz-se necessário um processo de mediação.

Mas, antes de seguirmos adiante, é preciso esclarecer que o conceito de mediação, aqui trabalhado, é o apresentado por Walter Benjamin e Irene Machado, em que esta é vista como “transformação nas condições de produção com as mudanças no espaço da cultura (transformações do *sensorium* dos modos de percepção, da experiência social)” (Signates, 1998, p.38). A mediação não é estática, ela é movimento, ela é fluida como a cultura e seu espaço. E ela é sensível, perceptível, absorvível com os olhos, os ouvidos e o cérebro.

Diante de tal proposta, são hipóteses a serem testadas:

- O signo alfabético possibilita outras formas de leitura que não a alfabética.
- A linguagem dele é originada a partir da união da linguagem dos sistemas sonoro e gráfico-espacial.
- É possível efetuar uma leitura das palavras enquanto signo não-discreto, indecomponível em sílabas, letras e fonemas.

Pesquisar o processo de mediação entre as diferentes linguagens constituintes do signo alfabético é imprescindível para entender mais profundamente o funcionamento deste signo e as possibilidades de leitura que ele oferece. E estudar como estes



diferentes sistemas dialogam e estabelecem relação entre si é, também, buscar compreender como diferentes sistemas interagem entre si dentro do espaço cultural.

Ao entender tal funcionamento e as possibilidades de leitura aí encontradas poderemos melhor perceber o papel ocupado pelo signo alfabético na cultura em que está inserido e, conseqüentemente, promover outras formas de leitura deste bem como de sua utilização. E, ao mesmo tempo em que o signo é analisado, o mesmo desempenha o papel de *corpus* em que as teorias serão testadas.

Portanto, para compreender como ocorre o processo de mediação das diferentes linguagens presentes no signo escrito alfabético estas serão pesquisadas num *corpus* composto por uma campanha publicitária, uma logomarca e um fragmento de texto retirado da Internet.

O signo escrito alfabético será analisado a partir das diferentes linguagens que o constituem. Para tanto é proposto um estudo a partir de seus aspectos sensoriais, da percepção dada pela sua materialidade, e dos sistemas aí imbricados. O signo será estudado em seu aspecto não-discreto e serão levantadas as diferentes possibilidades de leitura que este apresenta.

Durante o processo de análise serão testadas teorias acerca do processo de mediação, a partir de sua presença no aspecto sensorial do signo em questão, é pensado a partir do conceito de “mente da cultura”, e seu dimensionamento é feito não apenas no espaço em que ocorre, mas este processo é também situado em uma dimensão temporal.

## **2. Análise**

A escrita surgiu no terceiro milênio a.C., já foi e tem sido empregado nos mais variados suportes, desde tábuas de madeira e folhas de papiro até o universo virtual dos bytes da Internet. É através da oralidade deste signo que aprendemos a língua materna, essência da comunicação diária. E desde os primórdios do seu surgimento que a palavra escrita e a palavra falada instauraram uma dicotomia, não apenas entre si – ao surgirem diferenças de tratamento, função e formalidade entre a língua falada e a escrita (inclusive com a existência de uma variedade maior de línguas faladas do que escritas,



embora o que fosse de se esperar seria uma correspondência nesse número) – mas também na esfera cultural em que estão inseridas, pois a língua falada e suas sutis diferenças de pronúncia e gramática funcionavam como uma forma de denúncia dos vários estratos sociais, bem como a língua escrita, assim que surgiu, deu origem a uma classe diferenciada, a dos escribas, formada pelas pessoas que dominavam essa nova forma de comunicação.

Mas a escrita alfabética só viria a surgir um pouco mais tarde, na primeira metade do segundo milênio a.C.. Ele surgiu para suprir a necessidade dos pequenos povos livres de documentar os registros do comércio, mas sua importância foi logo compreendida pelos governantes e povos dominantes. Pois sua simplicidade permitiria às classes dominantes aprenderem o ofício da descrita, deixando estes de depender da classe dos escribas. Mas é preciso deixar claro que, da mesma forma que essa possibilidade de democratização que despertou o interesse das classes dominantes foi também a mesma democratização que permitiu às classes mais baixas aprenderem a escrever. E dessa forma não tardou muito para que o alfabeto fosse difundido mundo a fora.

Quase cinco milênios já se passaram, e durante esse trajeto a palavra escrita presenciou o surgimento de novos suportes para seu uso, novas mídias, e outros códigos com os quais aprendeu a dividir seu espaço, como é o caso da fotografia, da ilustração e da *motion picture*. As inovações tecnológicas ampliaram as possibilidades deste signo, que hoje se reproduz em larga escala nos livros e jornais, mas ainda conserva seu ar exclusivo nos bordados feitos à mão. A escrita está onde quer que o pensamento do homem habite, pois, assim como para os avanços tecnológicos o céu é o limite, para a escrita o é também. E assim, de letras escritas à mão em um pedaço de papel, a escrita alfabética hoje enche as telas dos computadores em infinitas fontes e definições de cores, as impressoras reproduzem os textos em larga-escala e com imagens, a tinta fluorescente dispensa o uso da luz para a leitura, as palavras se soltam do papel e se espalham pela cidade, em copos, camisetas, celulares, telões, monitores, corpos, faixas, sabonetes, etc.

Com essas evoluções, que se apresentam ao alcance de quase todos, ficaram muito mais evidentes os aspectos sensíveis da escrita alfabética. Pois nós mesmos escolhemos o formato da fonte que usamos para digitar os textos, escolhemos a cor, nos filmes legendas acompanham o som com a tecla *sap* do seu televisor, narradores contam o que aparece escrito em caracteres na tela da televisão e as onomatopéias já conquistaram seu lugar nas páginas das gramáticas.



Nós não apenas lemos as palavras, mas nós também sentimos as palavras, como quem sente dor ou cheiro. E um bom exemplo, não só dessas possibilidades oferecidas pela evolução tecnológica, mas também dessa mudança na forma de perceber, utilizar e retratar o signo é a campanha do Banco Itaú criada pela agência de Publicidade e Propaganda com sede na cidade de São Paulo, a África. A campanha intitulada “O Itaú foi feito para você” teve o ano de 2003 como o ponto máximo de sua divulgação, cuja principal mídia foi placas do tipo outdoor. A criação e a escolha do ponto de veiculação das placas foram feitas focadas no estereótipo do público frequentador da área próxima ao ponto de veiculação. A seguir são apresentadas fotos de cinco placas que fizeram parte da campanha e que serão aqui analisadas.



Figura 1



Figura 2



Figura 5

Na Figura 1 visualizamos a placa veiculada com foco nas pessoas que têm pressa, um público cada vez maior se levarmos em conta a máxima da atualidade em que “tempo é dinheiro”, ainda mais numa cidade cosmopolita como São Paulo, em que tudo é muito longe e tanto a cidade quanto o trabalho exigem muito tempo seu. A pessoa apressada não tem tempo, é um prisioneiro dele, em vez de seu senhor. O apressado não tem tempo nem para ler um cartaz, lê apenas por alto, lê apressadamente, lê apenas o



suficiente para entender o que está sendo dito. No outdoor, o significado do nome “apressados” é apreendido não apenas pela palavra ali escrita, pela semiose temporal realizada por meio da seqüência de letras, mas também pelo conjunto de elementos gráfico-visuais que possibilitam uma semiose deste espaço. A palavra cortada representa uma leitura interrompida antes de sua conclusão, como quem lê rapidamente e não tem tempo de chegar ao final e por isso pára assim que entende o que está lá escrito. Uma vez que não precisa ler todas as unidades discretas para entender a palavra, lê a parte de sua imagem que lhe basta. Há, neste processo, uma mediação em que a semiose espacial retrata aquilo que a semiose temporal significa. Os elementos gráfico-visuais representam o significado da palavra “apressados”. E nesse processo o leitor percebe que não precisa de todas as letras que formam a palavra para lê-la, porque a palavra é uma imagem, e uma parte dela pode figurar o todo, como num processo metonímico. Como quem vê apenas a metade de cima do rosto de uma pessoa, mas já sabe dizer quem é.

Na segunda peça da campanha a ser analisada, a da Figura 2, ocorre o mesmo processo de mediação, mas desta vez representado de uma outra forma. Aqui também o significado da palavra é interpretado e representado gráfico-visualmente, indicando um processo de mediação entre a semiose temporal e a semiose espacial. A palavra “baladeiros” é uma gíria muito difundida na cidade de São Paulo e que faz referência às pessoas que freqüentam lugares dançantes à noite, tais como shows e discotecas. Esses ambientes noturnos são marcados pelo uso de iluminação, seja ela externa, para indicar o prédio e o nome da casa noturna, ou interna, para envolver e deixar o público mais à vontade, criando uma atmosfera dançante. Dessa forma, a semiose espacial da palavra “baladeiros” é caracterizada por meio dos holofotes, que dirigem seu foco para esta, na tentativa de evocar graficamente o significado da palavra, e dando a ela a mesma atmosfera que os lugares característicos desta gíria possuem. Esse processo de mediação aqui exposto é um exemplo da “integration of cultural languages as a possibility of self-communication and self-understanding” exposta por Torop (2002, p. 400), com esse processo de compreensão e entendimento ocorrendo entre as diferentes linguagens do mesmo signo, no caso aqui apresentado o alfabético.

A Figura 3, bem como todas as demais peças desta campanha, tem seu processo criativo construído em cima do mesmo processo de mediação, que ocorre entre a semiose temporal, da palavra enquanto signo discreto e seu significado, e a semiose espacial, da palavra enquanto signo não-discreto e sua representação gráfico-visual. A

palavra “desorganizados” é composta por uma cadeia de letras, unidades mínimas, que se sucedem no tempo, como as notas de um prelúdio. Estas letras encontram-se organizadas de maneira a, à medida em que sucedem umas às outras numa ordem cronológica e irreversível, gerarem um sentido por meio desta semiose temporal. No outdoor em questão esta semiose temporal abre a possibilidade e dá origem a uma semiose espacial, onde as letras não apenas formam uma cadeia de maneira a originar um significado, mas elas também representam gráfico-visualmente o significado a que dão origem. Elas se sucedem sim no tempo, mas graficamente elas não se apresentam numa linha reta, como as letras desta e nesta página, forma convencionalmente utilizada. Elas se desarranjam, desorganizando a representatividade gráfico-espacial comum a elas. No outdoor, não apenas os desorganizados são desorganizados, mas a palavra “desorganizados” também o é.

Esse mesmo processo de mediação também pode ocorrer sem que haja alterações na forma gráfico-visual que a palavra normalmente se apresenta. Um bom exemplo deste caso é a logomarca da Coca-Cola. Ela é composta por letras desenhadas e grafismo, onde o elemento de maior destaque são as letras que formam o nome do refrigerante. O esperado é que, para que seja realizada uma leitura da logomarca, seja feita uma leitura da cadeia de letras que formam o nome da marca, é preciso que haja uma semiose temporal para que o processo de significação se concretize com a interpretação do nome da marca. Mas a logomarca da Coca-cola não se apresenta mais assim hoje, dentro do ambiente cultural. Ela passou por um processo de mediação em que esta semiose temporal foi super-posta por uma semiose espacial. E, para identificar o significado da logomarca, não é mais necessário ser alfabetizado e deter o conhecimento necessário para interpretar a semiose temporal desta cadeia de letras. Basta ter o conhecimento necessário para interpretar o processo de semiose espacial da logomarca, interpretando suas cores, contornos e desenhos. Porque se este processo de mediação não ocorresse, como iria um analfabeto comprar uma garrafa de Coca-cola tendo a certeza de que o que há dentro da garrafa é mesmo Coca-cola?

Essa mediação pela qual passou a logomarca da Coca-cola dentro da esfera cultura encontra-se tão sedimentada que a própria empresa, na assinatura das peças da campanha “Gostoso é viver, Coca-cola”, não colocava sua logomarca na íntegra. Como pode ser conferido abaixo, nas Figuras 4, 5 e 6, a visualização de uma parte do elemento gráfico-espacial que a compõem já é o suficiente para que seja realizada uma leitura da



logomarca. Ocorre aqui o mesmo processo metonímico já identificado e analisado na Figura 1, um outdoor do Banco Itaú.

Tchertov coloca que, para Lotman, essa relação entre a linguagem verbal e outros sistemas é uma relação de necessidade.

Systems like the verbal language, wich combine discrete conventional signs, need in principle other semiotic systems as their complement. These complementary systems control the creation of continual texts without separate signs, and they to deal mainly with iconic and other forms of motivated signs. Both types of the systems mutually need each other as in culture as in counsciousness (...). (Tchertov, 2002, p.442)

Segue, na próxima página, imagens da logomarca da Coca-cola e peças da campanha “Gostoso é viver Coca-cola”.



Figura 4



Figura 5



Figura 6

Por fim analisaremos o fragmento de um texto (aqui considerando como texto uma página da Internet) retirado da Internet. O seguinte depoimento encontra-se numa página pessoal do site de relacionamentos Orkut ([www.orkut.com](http://www.orkut.com)), a mais nova febre do universo on-line no Brasil.

meu deus..o ki falr di ti em teto?!era assim ki eu tx xamava lembra?!poiseh...keria ti dixer ..ki tu eh uma pessoa mt especial p mim..i ki eu admiro mt!depois ki tu foi p sampa..percebi o quanto tu eh especial p mim,pq sempre ki eu precisava tu tava do meu lado,sempre me defendendo,mi mostrando ki nem td na vida eh como keremo,ki devemos ir atras de nossos ideais..neto tu eh um exemplo p mim!quando eu falei no fone pela 1 vex dpx ki tu foi p sampa...eu faltei xorar..nuk seise tu percebeu..sabe pq?!saudades..ki eh um sentimento ki naum nos deixa esquecer de kem amamos..i ki num fax lembrar..ki mesmu c a distancia...ela estara sempre no nosso coração! oh..ti amo mt viu?!i to morrendo di saudades tua...ti cuida aew...ki por aki eu mi cuidoo!-=\*\*\*\*\* da tua maninha + nova!uahuah =\*\*\*\*\*  
TE AMO! (Aninha)

Podemos observar no fragmento acima três fenômenos envolvendo a escrita alfabética:

1. A substituição de uma letra, ou grupo de letras, por outra representativa do fonema (som) que a primeira tem quando pronunciada a palavra em que está inserida. Por exemplo: a substituição do “qu” por “k” em “keria”. O som da letra “k” é o mesmo do “qu”, sendo a primeira uma forma mais compacta. Há aqui uma alteração da representação gráfico-visual da palavra sem que haja uma alteração do som desta. O elemento sonoro discreto da palavra se superpõe ao elemento gráfico-visual não-discreto da mesma, sem que haja alteração de seu significado.

2. Um processo de abreviação das palavras feito através do corte de letras, principalmente das vogais. Por exemplo: “pq” em vez de “por que”, “mt” em vez de muito. Ocorre aqui uma modificação da semiose espacial da palavra sem que haja alteração no significado ou na semiose temporal de sua oralidade, uma vez que a leitura sonora da palavra continua a mesma.

3. Troca de uma letra por outra que possui um som parecido. Por exemplo: “fax” em vez de “faz”. Nesse processo há uma alteração na representação gráfico-espacial e na representação sonora da letra, acentuando o sotaque ou infantilizando um pouco a fala. Neste processo de mediação ocorre alteração em ambas as semioses sem que, no entanto, haja alteração no significado da palavra.

Discutiremos aqui apenas o primeiro fenômeno, em que há, assim como nos exemplos fornecidos anteriormente, um processo de mediação entre a semiose temporal e a espacial. Mas neste caso, diferentemente dos anteriores, não é o significado estabelecido pela semiose temporal que se superpõe aos elementos gráfico-visuais levando a uma semiose espacial. Aqui, o objeto desencadeador do processo de mediação é o aspecto discreto e sensível do som que vai se superpor à estrutura espacial da palavra.

### 3. Considerações Finais

Analisando apenas superficialmente o *corpus* apresentado, temos a impressão de que nos dois primeiros casos, a campanha do Banco Itaú e a logomarca da Coca-cola, ocorre uma maior valorização do aspecto gráfico-visual, e esta parece ser a linguagem de maior destaque, ela parece se superpor à linguagem discreta do texto escrito alfabético. Além disso, podemos também dizer que, aparentemente, o processo de mediação dos dois primeiros casos é diferente do último, o texto retirado do Orkut. A primeira impressão que temos é que nos dois primeiros casos há uma mediação em que a linguagem não-discreta do signo prevalece e ganha maior destaque do que a linguagem discreta. Já no último exemplo parece acontecer o contrário, a linguagem discreta dos fonemas parece prevalecer sobre a linguagem não-discreta gráfico-visual da palavra, interferindo na representação desta.

Uma análise semiótica mais aprofundada mostra que esta percepção inicial não é verdadeira. Pois a semiose gráfico-visual dos dois primeiros exemplos ocorre através de um processo de mediação da escrita alfabética. A semiose espacial é construída em cima da semiose temporal da palavra, pois o método criativo tem origem a partir do processo de significação da palavra, e este processo é realizado através da semiose temporal desta realizada através de seu caráter de signo não discreto. O significado é construído com base na cadeia de letras, estas sucedendo uma à outra no espaço temporal. Este processo de significação, através do processo de mediação, desencadeia um método criativo em que há a alteração da semiose espacial, promovendo mudanças na representação gráfico-visual da palavra e, conseqüentemente, modificando a sua forma de leitura. Uma vez que a semiose gráfico-visual é uma semiose diferente da anterior, pois é realizada no espaço e construída com uma linguagem não-discreta, sua leitura também será

diferente. Pois esta será uma leitura da semiose espacial de um texto não-discreto, em vez de ser uma leitura da semiose temporal (da sucessão de letras no espaço do tempo, de forma a construir um significado) de um texto discreto.

Podemos perceber, diante do acima exposto, que é a semiose temporal do signo que irá desencadear o processo de mediação e influenciar a semiose espacial do mesmo. Portanto, o que ocorre é um processo em que a semiose temporal provoca mudanças na semiose espacial, e não uma simples maior valorização desta última, como pode parecer à primeira vista. Tchertov vai mais além e coloca essa relação como uma relação de subordinação:

The spatial codes interact also with the temporal sign systems like the verbal language. The divergence of organization gives various opportunities for their interaction. There is a possibility to change the audio-temporal plane of expression into the visual-spatial one – due to its new coding (as in phonetic writing) or due to its translation (as in ideography). In both cases the spatial elements and structures are subordinate do linguistic forms. (Tchertov, 2002, p. 449-450)

Outro ponto a ser destacado é que, embora não fique evidente numa análise superficial, o processo de mediação dos dois primeiros exemplos (Banco Itaú e Coca-cola) e do último (texto retirado do Orkut) pareçam ser diferentes, na verdade o processo de mediação é o mesmo, a diferença é que nos dois primeiros a linguagem não-discreta prevalece mais, desencadeando um processo de leitura diferente do último exemplo, como já foi explicado na análise.

Através da análise aqui proposta podemos confirmar a importância da mediação estabelecida entre o signo discreto e o não discreto para o processo criativo e construção de novas formas de leitura do signo escrito alfabético. Confirmando o pensamento de Lotman, a respeito a linguagem discreta e da não-discreta, exposto por Torop (2002, p.400):

These are the two languages between which it is difficult to create translatability. Difficulties of translatability and the impossibility of reverse translation turn any mediating activity between these languages into creative and are thus the basis for creativity.

Dessa maneira, acredito que o presente trabalho acerca do signo escrito alfabético é uma mostra “de qué manera um sistema puede desarrollarse permaneciendo é mismo” (Lotman, 1993, p.11).





## Referências bibliográficas

ANINHA. **Depoimentos**. Orkut. Disponível em: <<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=10286693866259283389>>. Acessado em 27 janeiro 2006.

ASSIS, Diego. **Orkut é a mais nova febre da rede a pegar no Brasil**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u16038.shtml>> Acessado em 27 janeiro 2006.

BURKE, Peter e PORTER, Roy (org.). **Linguagem, Indivíduo e Sociedade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

LOTMAN, I. *La Semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMAN, I. **La cultura e l'esplosione. Prevedibilità e imprevedibilità**. Milão, 1993.

MACHADO, Irene. As mídias e seus precursors: emergência das mediações como campo de idéias científicas (sem notação na xérox).

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. **Revista Novos Olhares**, São Paulo, n. 2, p. 37-49, 1998.

TCHERTOV, Leonid. Spatial semiosis in culture. **Sign Systems Studies**, Tartu, v. 2, n. 30, p. 441-453. 2002.

TOROP, Peeter. Introduction: Rereading of cultural semiotics. **Sign Systems Studies**, Tartu, v. 2, n. 30, p. 395-404. 2002.

UEXKÜLL, Thure von. A teoria da *Umwelt* de Jakob von Uexküll. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 7, p. 19-48, abril. 2004.